

GRAEME SIMSION

O
Projeto
Rosie

Tradução de
Ana Carolina Mesquita



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

1

Creio que encontrei uma solução para o Problema Esposa. Tal como acontece com tantas grandes descobertas científicas, a resposta parece óbvia quando analisada em retrospecto. Mas, se não fosse por uma série de eventos não programados, muito provavelmente eu não a teria descoberto.

A sequência começou quando Gene insistiu para que eu ministrasse uma palestra sobre a síndrome de Asperger que ele mesmo tinha concordado em dar. O *timing* fora extremamente irritante. Eu poderia dividir o tempo de preparação da palestra com o da ingestão do meu almoço, mas já havia previamente reservado para aquela noite específica noventa e quatro minutos para limpar meu banheiro. Eu me vi diante de três opções, nenhuma delas satisfatória.

1. Limpar o banheiro depois da palestra, o que resultaria em perda de horas de sono e consequente diminuição da minha performance mental e física.
2. Remarcar a limpeza para a terça-feira seguinte, o que resultaria em um período de oito dias de higiene comprometida e consequente risco de doenças.

3. Recusar a ministrar a palestra, o que resultaria em prejuízo à minha amizade com Gene.

Apresentei o dilema a Gene, que, como sempre, ofereceu uma solução alternativa.

— Don, eu pago alguém para limpar seu banheiro.

Expliquei a Gene — mais uma vez — que todas as faxineiras, com a possível exceção daquela húngara de saia curta, cometiam erros. A Mulher de Saia Curta, que antes fora faxineira de Gene, sumiu depois de algum problema com Gene e Claudia.

— Vou te passar o celular da Eva, só não mencione meu nome.

— E se ela perguntar? Como posso responder sem mencionar você?

— Diga simplesmente que você está entrando em contato porque ela é a única faxineira que trabalha direito. E, se ela tocar no meu nome, não diga nada.

Era uma saída perfeita e um exemplo da capacidade de Gene de encontrar soluções para os problemas sociais. Eva ficaria feliz de ver sua competência reconhecida e talvez até pudesse ser candidata a um cargo fixo, o que abriria em minha agenda uma média de trezentos e dezesseis minutos por semana.

O problema da palestra de Gene surgiu quando ele teve a oportunidade de fazer sexo com uma acadêmica chilena que veio para uma conferência em Melbourne. Gene tem o projeto de fazer sexo com o maior número possível de mulheres de nacionalidades diferentes. Como professor de psicologia, ele tem extremo interesse pela atração sexual humana, que ele acredita ser em grande parte geneticamente determinada.

Essa crença é consistente com o passado dele como geneticista. Sessenta e oito dias depois de Gene me contratar como

pesquisador de pós-doutorado, ele foi promovido a chefe do Departamento de Psicologia, uma indicação altamente controversa cuja intenção fora colocar a universidade na liderança da psicologia evolutiva e melhorar sua imagem pública.

Durante o período em que trabalhamos juntos no Departamento de Genética, tivemos diversas discussões interessantes, que continuaram mesmo depois de sua mudança de cargo. Só por isso eu já teria ficado satisfeito com nossa relação, mas Gene também me convidou para jantar em sua casa e executou outros rituais de amizade, o que resultou em um relacionamento social entre nós. A esposa dele, Claudia, uma psicóloga clínica, hoje também é uma amiga. O que totaliza dois amigos, portanto.

Gene e Claudia tentaram por algum tempo me ajudar com o Problema Esposa. Infelizmente, a abordagem deles se baseava no tradicional paradigma do namoro, que eu já havia abandonado baseando-me no fato de que as probabilidades de sucesso não justificavam o esforço e as experiências negativas. Tenho trinta e nove anos, sou alto, estou em forma e sou inteligente; tenho um status relativamente elevado e uma renda acima da média como professor associado. Segundo a lógica, eu deveria atrair uma ampla variedade de mulheres. No reino animal, eu seria bem-sucedido do ponto de vista reprodutivo.

Porém, existe alguma coisa em mim que repele as mulheres. Nunca achei fácil fazer amizades e, pelo visto, as mesmas deficiências que causaram esse problema também afetaram minhas tentativas de relacionamentos amorosas. O Desastre do Sorvete de Damasco é um bom exemplo.

Claudia me apresentou a uma de suas muitas amigas. Elizabeth é uma cientista da computação altamente inteligente e dotada de um problema de visão que fora corrigido com óculos. Estou mencionando os óculos porque Claudia me mostrou uma foto e me perguntou se por mim estava tudo bem o

fato de a amiga dela usá-los. Que pergunta mais inacreditável! E vinda de uma psicóloga! Ao avaliar se Elizabeth se adequaria como possível parceira — alguém capaz de prover estímulo intelectual, de compartilhar interesses, quem sabe até mesmo alguém com quem me reproduzir —, a primeira preocupação de Claudia foi minha reação à armação dos óculos dela, que provavelmente nem tinha sido escolha de Elizabeth, e sim resultado do conselho de seu optometrista. Este é o mundo em que sou obrigado a viver. Então Claudia me disse, como se fosse um problema:

— Ela tem pontos de vista muito firmes.

— Com base em evidências?

— Acho que sim — respondeu Claudia.

Perfeito. Ela podia muito bem estar me descrevendo.

Nós nos encontramos num restaurante tailandês. Restaurantes são campos minados para os socialmente ineptos, e eu estava nervoso, como sempre fico nessas situações. Mas começamos muito bem quando ambos chegamos exatamente às sete da noite, como marcado. Sincronização deficiente é um enorme desperdício de tempo.

Sobrevivemos à refeição sem ela me criticar por nenhum erro social. É difícil conduzir uma conversa quando você não tem certeza se está olhando para a parte do corpo correta, mas grudei o olhar nos olhos com óculos de Elizabeth, como Gene recomendou. Isso resultou em certa imprecisão no processo de comer, que ela não pareceu perceber. Pelo contrário, tivemos uma discussão altamente produtiva sobre algoritmos de simulação. Como ela era interessante! Eu já conseguia ver a possibilidade de um relacionamento sério.

O garçom trouxe o cardápio das sobremesas, mas Elizabeth disse:

— Não gosto de sobremesas asiáticas.

Isso quase com certeza não passava de uma generalização irreal, e eu devia talvez ter reconhecido isso como um sinal de advertência. Mas foi a deixa para eu dar uma sugestão criativa.

— Podemos tomar um sorvete do outro lado da rua.

— Ótima ideia. Desde que eles tenham de damasco.

Supus que eu estivesse progredindo bem àquela altura e não achei que a preferência por damasco pudesse ser um problema. Eu estava errado. A sorveteria tinha uma ampla variedade de sabores, mas o estoque de sorvete de damasco havia acabado. Pedi uma casquinha dupla de alcaçuz e chocolate com pimenta para mim e perguntei a Elizabeth qual seria a segunda opção dela.

— Se eles não têm de damasco, não vou tomar nada.

Não dava para acreditar. Todos os sabores de sorvete têm basicamente o mesmo gosto, devido ao resfriamento das papilas gustativas. Isso é ainda mais verdadeiro no caso dos sabores de frutas. Sugeri um de manga.

— Não, obrigada, deixa para lá.

Expliquei a fisiologia do resfriamento das papilas gustativas com detalhes. Previ que, se eu comprasse um sorvete de manga e outro de pêssego, ela seria incapaz de perceber a diferença. E que, por extensão, ambos seriam equivalentes ao de damasco.

— Eles são completamente diferentes — disse ela. — Se você não consegue distinguir manga de pêssego, o problema é seu.

Aí estava uma discordância objetiva simples que poderia ser resolvida imediatamente com um experimento. Pedi uma bola minúscula de cada um dos sabores, mas, quando a atendente acabou de prepará-las e eu me virei para Elizabeth para pedir que ela fechasse os olhos para fazer a experiência, ela não estava mais lá. Lá se ia o “com base em evidências”. E a “cientista” da computação.

Depois disso, Cláudia me disse que eu devia ter abandonado o experimento antes de Elizabeth ir embora. Isso é óbvio, mas em que momento? Qual foi o sinal? São essas sutilezas que eu não consigo enxergar. Por outro lado, também não consigo enxergar o motivo pelo qual ter uma sensibilidade maior para distinguir sinais obscuros de sabores de sorvete deva ser pré-requisito para ser parceiro de alguém. Parece razoável supor que algumas mulheres não exijam isso. Infelizmente o processo de encontrá-las é tão ineficaz que beira o impossível. O Desastre do Sorvete de Damasco custou uma noite inteira da minha vida, compensada apenas pelas informações sobre os algoritmos de simulação.

Dois horários de almoço foram suficientes para pesquisar e preparar a palestra sobre a síndrome de Asperger — sem sacrificar a nutrição, graças ao fornecimento de wi-fi no café da biblioteca de medicina. Eu não tinha nenhum conhecimento prévio sobre distúrbios do espectro do autismo, uma vez que estão fora da minha especialidade. O tema era fascinante. Pareceu adequado focar nos aspectos genéticos da síndrome, que talvez fossem pouco familiares à minha plateia. A maioria das doenças possui algum fundamento no nosso DNA, embora em muitos casos ele ainda esteja por ser descoberto. Minha pesquisa pessoal enfoca a predisposição genética à cirrose hepática. Dedico boa parte do meu tempo de trabalho a embebedar ratos.

Naturalmente os livros e as pesquisas descreviam os sintomas da síndrome de Asperger, e formei uma conclusão provisória de que a maioria deles não passa de variações do funcionamento do cérebro humano, inadequadamente consideradas doenças porque não se encaixam nas normas sociais — normas estas que foram *construídas* pelo homem. Elas refletem as configurações humanas mais comuns, e não seu espectro completo.

A palestra estava marcada para as sete da noite numa escola da periferia. Calculei o trajeto de bicicleta em doze minutos, mais três minutos extras para ligar e conectar meu computador ao projetor.

Cheguei no horário planejado, às 18h57, vinte e sete minutos depois de receber em meu apartamento Eva, a faxineira de saia curta. Havia cerca de vinte e cinco pessoas zanzando perto da porta da sala, mas imediatamente reconheci Julie, a responsável pelo convite da palestra, graças à descrição de Gene: “uma loura peituda”. Na verdade, os seios dela provavelmente não se desviavam mais do que uma medida e meia do padrão para o seu biótipo de peso e altura, portanto mal daria para considerá-los uma característica identificadora. Era mais uma questão de elevação e exposição devido à escolha de vestimenta, que aliás me pareceu perfeitamente sensata para uma noite abafada de janeiro.

Talvez eu tenha passado tempo demais checando quem ela era, porque Julie me olhou de um jeito estranho.

— Você deve ser Julie — falei.

— Em que posso ajudar?

Ótimo. Uma pessoa prática.

— Poderia, por gentileza, me mostrar onde fica a conexão VGA?

— Oh — disse ela. — Você deve ser o professor Tillman. Fico muito feliz por ter conseguido comparecer.

Ela estendeu a mão, mas fez um gesto para ignorá-la.

— A conexão VGA, por gentileza. São 18h58.

— Relaxe — disse ela. — Nunca começamos antes das 19h15. Gostaria de um café?

Por que as pessoas valorizam tão pouco o tempo dos outros? Agora teríamos de enfrentar a inevitável conversa fiada. Eu poderia ter passado mais quinze minutos em casa, praticando aikido.

Até então eu só tinha notado Julie e a tela na frente da sala. Agora que olhei em torno, percebi que havia deixado de ver dezenove pessoas. Eram todas crianças, a maioria meninos, sentadas nas suas carteiras. Provavelmente eram vítimas da síndrome de Asperger. Quase toda a literatura sobre o assunto está focada nas crianças.

Apesar da aflição que apresentavam, todas estavam empregando o tempo de modo melhor que seus pais, que jogavam conversa fora. A maioria trazia computadores portáteis e supus que tivessem entre oito e treze anos. Torci para terem prestado atenção nas aulas de ciências, porque minha palestra pressupunha o conhecimento tanto de química orgânica quanto da estrutura do DNA.

Percebi que não havia respondido à pergunta sobre o café.

— Não.

Infelizmente, por causa do atraso na resposta, Julie já tinha se esquecido da pergunta.

— Nada de café — expliquei. — Nunca bebo café depois das 15h48. Interfere no sono. A meia-vida da cafeína dura de três a quatro horas, portanto é uma irresponsabilidade servir café às 19h, a menos que o indivíduo esteja planejando ficar acordado até depois de meia-noite. O que proporciona uma noite de sono inadequada caso o mesmo possua um emprego convencional. — Eu estava tentando utilizar aquele tempo de espera para oferecer conselhos de ordem prática, mas pelo jeito ela preferia assuntos mais triviais.

— Está tudo bem com Gene? — perguntou. Era obviamente uma variação da fórmula mais comum das interações sociais, “Como vai”?

— Está tudo bem com ele, obrigado — respondi, adaptando a resposta convencional à terceira pessoa.

— Oh. Achei que ele estivesse doente.

— Gene tem uma saúde excelente, fora os seis quilos de sobrepeso. Fomos correr hoje de manhã. Ele vai sair com uma mulher hoje à noite, coisa que não poderia fazer caso estivesse doente.

Julie pareceu incomodada com minha resposta, e mais tarde, quando repassei aquela conversa, percebi que Gene devia ter mentido para ela sobre o motivo de sua ausência. Presumivelmente para que Julie não achasse que ele considerava aquela palestra sem importância e para justificar ter mandado um palestrante menos prestigioso como substituto. Parece quase impossível analisar uma situação complexa como essa, que envolve fingimento e adivinhação da resposta emocional de outra pessoa, e depois preparar sua própria mentira plausível, enquanto durante todo esse tempo a pessoa está esperando que você responda a uma pergunta. Porém, é exatamente o que esperam que você seja capaz de fazer.

Por fim conectei meu computador e começamos, *com dez minutos de atraso*. Eu teria de falar quarenta e três por cento mais rápido para terminar no horário marcado, às 20h — um objetivo que beira o impossível nessa performance. A palestra precisaria terminar mais tarde, e toda a minha programação para o resto da noite iria por água abaixo.

2

Eu havia intitulado a minha palestra de *Precursores Genéticos dos Distúrbios do Espectro do Autismo* e conseguido uns diagramas excelentes de estruturas de DNA. Só estava falando há nove minutos, um pouco mais rápido do que o normal para recuperar o tempo perdido, quando Julie me interrompeu.

— Professor Tillman, a maioria de nós não é cientista, portanto talvez o senhor precise usar uma linguagem um pouco menos técnica.

Esse tipo de coisa é incrivelmente irritante. As pessoas podem falar sobre as supostas características de um geminiano ou taurino e passar cinco dias assistindo a uma partida de críquete, mas não conseguem encontrar nem interesse nem tempo para aprender o básico sobre aquilo do qual nós, seres humanos, somos feitos.

Continuei com a minha palestra exatamente como a havia preparado. Era tarde demais para mudá-la e com certeza parte da plateia era informada o bastante para entender.

Eu estava certo. Alguém levantou a mão, um menino de uns doze anos.

— O senhor está dizendo que é improvável existir um único marcador genético, e sim que estão implicados vários genes, e

que a expressão agregada depende de combinações específicas. Correto?

Exato!

— Somado aos fatores ambientais. A situação é análoga à do transtorno bipolar, que...

Julie tornou a me interromper.

— Então, para nós que não somos gênios: creio que o professor Tillman quer nos lembrar que a síndrome de Asperger é algo com o qual nascemos. Não é culpa de ninguém.

Fiquei horrorizado com o emprego da palavra “culpa” e suas conotações negativas, principalmente porque estava sendo empregada por alguém numa posição de autoridade. Deixei de lado minha decisão de me ater às questões genéticas. A questão com certeza devia estar latente no meu inconsciente, e por conta disso o volume da minha voz talvez tenha aumentado.

— Culpa! A síndrome de Asperger não é culpa nenhuma. É uma variante. Potencialmente uma grande vantagem. A síndrome de Asperger está relacionada com organização, foco, pensamento inovador e desapego racional.

Uma mulher nos fundos da sala levantou a mão. Eu estava focado na minha argumentação e cometi um pequeno erro social, que logo corriji:

— A mulher gorda... a mulher *com sobrepeso* dos fundos?

Ela fez uma pausa e olhou ao redor, mas depois continuou:

— Desapego racional: isso seria um eufemismo para ausência de emoções?

— Sinônimo — retruquei. — As emoções podem causar grandes problemas.

Decidi que ajudaria se eu desse um exemplo, narrando uma história em que o comportamento emocional teria levado a consequências desastrosas.

— Imagine que você está escondida num porão — comecei. — O inimigo está procurando você e seus amigos. Todos precisam ficar em absoluto silêncio, mas o seu bebê começa a chorar. — Fiz uma encenação, como Gene faria, para tornar o relato mais convincente: — Buáááá. — Fiz uma pausa dramática. — Você tem um revólver.

Mãos se levantaram em toda parte.

Julie ficou de pé num pulo enquanto eu continuava:

— Com silenciador. Eles estão se aproximando. Vão matar todos vocês. O que você faz? O bebê está berrando...

As crianças mal conseguiam esperar para dar sua resposta. Uma delas gritou, “Atira no bebê!”, e logo todas estavam gritando, “Atira no bebê, atira no bebê”.

O menino que tinha feito a pergunta sobre genética então berrou:

— Atira no *inimigo*.

Enquanto outro disse:

— Embosca todo mundo.

As sugestões estavam vindo com rapidez.

— Usa o bebê como isca.

— Quantas armas nós temos?

— Cobre a boca dele.

— Quanto tempo ele consegue sobreviver sem respirar?

Como eu esperava, todas as ideias vieram das “vítimas” da síndrome de Asperger. Os pais não deram nenhuma sugestão construtiva; alguns inclusive tentaram suprimir a criatividade dos filhos.

Levantei as mãos.

— Acabou o tempo. Ótimo trabalho. Todas as soluções racionais vieram dos “aspies”. Todos os demais se viram incapacitados por causa de suas emoções.

Um menino gritou:

— Os aspies botam pra quebrar!

Eu havia observado essa abreviação na literatura médica, mas aparentemente era algo novo para as crianças. Elas pareceram gostar e logo estavam de pé nas cadeiras e depois nas mesas, socando o ar e entoando em coro, “Os aspies botam pra quebrar!”. Segundo o que li, as crianças com síndrome de Asperger muitas vezes carecem de autoconfiança em situações sociais. O êxito delas na resolução de problemas parecia ter fornecido uma cura temporária para isso, porém, mais uma vez, os pais não conseguiram lhes dar um *feedback* positivo, gritando com os filhos e, em alguns casos, tentando empurrá-los de cima das mesas. Pelo jeito, estavam mais preocupados com o encaixe nas convenções sociais do que com o progresso que eles estavam fazendo.

Senti que havia demonstrado meu ponto de vista de modo eficiente, e Julie não achou necessário continuarmos com a genética. Os pais pareciam refletir sobre o que os filhos haviam aprendido e saíram sem interagir comigo após a palestra. Eram apenas 19h43. Um resultado excelente.

Enquanto eu guardava meu laptop, Julie caiu na risada.

— Ah, meu Deus — disse ela. — Preciso beber alguma coisa.

Não sabia dizer por que ela estava dividindo essa informação com alguém que só conhecia há quarenta e seis minutos. Eu mesmo planejava consumir um pouco de álcool ao chegar em casa, mas não vi motivo para informar isso a Julie.

Ela continuou:

— Sabe, nunca usamos essa palavra. Aspies. Não queremos que eles pensem que é uma espécie de clube. — Mais implicações negativas de alguém que supostamente era paga para ajudar e incentivar.

— Como a homossexualidade? — perguntei.

— *Touché* — disse Julie. — Mas é diferente. Se eles não mudarem, nunca terão relacionamentos de verdade; nunca serão parceiros.

Era um argumento razoável, e um que eu era capaz de entender, dadas minhas próprias dificuldades nesse âmbito. Porém, Julie mudou de assunto.

— Mas o que você está dizendo é que existem coisas — coisas úteis — que eles são capazes de fazer melhor do que os... não aspies? Além de matar bebês, claro.

— É claro. — Fiquei me perguntando por que alguém envolvido na educação de indivíduos com atributos incomuns não conhecia o valor nem o mercado para tais atributos. — Existe uma empresa na Dinamarca que recruta aspies para realizar testes de aplicativos para computadores.

— Não sabia disso — disse Julie. — Você realmente está me abrindo uma perspectiva diferente. — Ela olhou para mim por alguns instantes. — Tem um tempinho para um drinque? — Então colocou a mão sobre meu ombro.

Eu me retraí de modo automático. Definitivamente um contato inapropriado. Se eu tivesse feito o mesmo com uma mulher daqui, quase com certeza isso causaria um problema, provavelmente uma queixa de abuso sexual para o diretor, que poderia trazer consequências para a minha carreira. Mas *ela* ninguém criticaria por isso, é claro.

— Infelizmente, tenho outros compromissos agendados.

— Não dá pra dar um jeitinho?

— Com toda certeza não. — Depois de ter conseguido recuperar o tempo perdido, eu não atiraria minha vida no caos mais uma vez.

Antes de eu conhecer Gene e Claudia, tinha duas outras amigas. A primeira era minha irmã mais velha. Embora fosse pro-

fessora de matemática, minha irmã tinha pouco interesse nos avanços da área. Porém morava perto e me visitava duas vezes por semana e mais algumas outras vezes ao acaso. Comíamos juntos e conversávamos sobre trivialidades, como os acontecimentos da vida de nossos parentes e as interações sociais com nossos colegas de trabalho. Uma vez por mês, íamos de carro até Shepparton para almoçar no domingo com nossos pais e irmão. Ela era solteira, provavelmente resultado de sua timidez e por não ter uma beleza convencional. Graças a uma incompetência médica grosseira e indesculpável, agora ela está morta.

A segunda amiga era Daphne, cujo período de amizade também coincidiu com o de Gene e Claudia. Ela se mudou para o apartamento acima do meu depois que o marido foi parar num asilo, devido à demência. Por causa de um problema no joelho, agravado pela obesidade, ela não conseguia caminhar mais do que alguns passos, mas era muito inteligente e comecei a visitá-la com regularidade. Ela não possuía qualificações formais, tendo exercido o papel tradicional de dona de casa — coisa que eu considerava um extremo desperdício de talento (principalmente porque os descendentes de Daphne não lhe retribuíram com o mesmo cuidado). Ela sentia curiosidade em relação ao meu trabalho e começamos o Projeto Ensinar Genética para Daphne, que era fascinante para nós dois.

Ela começou a jantar no meu apartamento com certa frequência, uma vez que é possível fazer uma enorme economia cozinhando uma única refeição para duas pessoas em vez de duas refeições separadas. Todos os domingos às 15h íamos visitar o marido dela no asilo, que ficava a 7,3 quilômetros de distância. Eu era capaz de combinar uma caminhada de 14,6 quilômetros empurrando uma cadeira de rodas com uma conversa interessante sobre genética. Lia enquanto ela conversava

com o marido, cujo nível de compreensão, embora difícil de determinar, era com certeza baixo.

Daphne ganhou seu nome por causa da planta que estava florindo quando ela nasceu, no dia vinte e oito de agosto. Todos os anos, seu marido lhe dava de presente de aniversário flores *Daphne odora*, ato que ela considerava extremamente romântico. Reclamou que este seria o primeiro aniversário em cinquenta e seis anos no qual o ato simbólico não seria realizado. A solução era óbvia, e, quando eu a levei de volta ao meu apartamento no dia de seu septuagésimo oitavo aniversário, havia comprado de antemão uma boa quantidade daquelas flores para lhe dar.

Ela reconheceu o perfume na mesma hora e começou a chorar. Achei que havia cometido um erro terrível, mas ela explicou que suas lágrimas eram sinal de felicidade. Também ficou impressionada com o bolo de chocolate que eu fiz, embora não com a mesma intensidade.

Durante o jantar, ela fez uma declaração incrível:

— Don, você daria um marido maravilhoso.

Isso era tão contrário às minhas experiências de rejeição entre as mulheres que fiquei sem fala por algum tempo. Depois, apresentei-lhe os fatos — toda a história de minhas tentativas de encontrar uma companheira. Comecei pela minha crença, quando menino, de que me casaria quando crescesse e terminei com a desistência dessa ideia quando ficou evidente que eu não era adequado.

O argumento dela foi simples: existe alguém para todo mundo. Do ponto de vista estatístico, quase com certeza ela estava certa. Infelizmente, a probabilidade de eu encontrar essa pessoa era minúscula. Mesmo assim, aquilo gerou um incômodo no meu cérebro, como um problema matemático que sabemos que deve ter solução.

Nos seus dois aniversários seguintes, repetimos o ritual das flores. O resultado não foi tão dramático quanto da primeira vez, mas também comprei presentes para ela — livros sobre genética — e ela pareceu muito feliz. Ela me contou que o aniversário sempre tinha sido seu dia preferido do ano. Eu entendia que isso fosse algo comum entre as crianças, por causa dos presentes, mas não esperava ouvir o mesmo de um adulto.

Noventa e três dias depois do jantar do seu aniversário, estávamos a caminho do asilo discutindo uma pesquisa genética que Daphne havia lido no dia anterior quando ficou claro que ela havia esquecido algumas partes significativas. Não era a primeira vez naquelas últimas semanas que a memória dela falhava, e imediatamente marquei uma consulta para avaliar seu funcionamento cognitivo. O diagnóstico foi mal de Alzheimer.

A capacidade intelectual de Daphne se deteriorou com rapidez e logo não conseguíamos mais ter nossas conversas sobre genética. Porém, continuamos jantando juntos e fazendo nossas caminhadas até o asilo. Daphne agora falava principalmente sobre seu passado, enfocando o marido e a família, e consegui formar uma visão generalizada de como deve ser a vida de casado. Ela continuava insistindo que eu poderia encontrar uma parceira compatível e desfrutar do alto nível de felicidade que ela mesma experimentara. Pesquisas suplementares confirmaram que os argumentos de Daphne se apoiavam em evidências: os homens casados são mais felizes e vivem mais.

Um dia, Daphne perguntou: “Quando vai ser meu aniversário de novo?”, e me dei conta de que ela havia perdido a noção das datas. Decidi que seria aceitável mentir para maximizar a felicidade dela. O problema era conseguir flores *Daphne* fora de época, mas tive êxito inesperado. Sabia de um geneticista que estava aumentando o período de floração das plantas para fins comerciais. Ele conseguiu fornecer para minha florista al-

gumas flores *Daphne*, e simulamos um jantar de aniversário. Repeti o mesmo procedimento sempre que Daphne perguntava sobre seu aniversário.

Chegou um momento em que foi necessário que Daphne se juntasse ao marido no asilo, e, à medida que sua memória falhava cada vez mais, começamos a comemorar seu aniversário com mais frequência, até chegarmos a ponto de eu visitá-la todos os dias. A florista me deu um cartão de fidelidade especial. Pelos meus cálculos, segundo o número de comemorações de aniversário, Daphne tinha chegado aos duzentos e sete anos quando deixou de me reconhecer. Trezentos e dezenove quando deixou de reagir às flores e eu abandonei as visitas.

Não esperava mais receber notícias de Julie. Como sempre, minhas suposições sobre o comportamento humano estavam erradas. Dois dias depois da palestra, às 15h37, meu celular tocou mostrando um número estranho. Julie deixou recado pedindo para que eu ligasse de volta e deduzi que eu devia ter esquecido alguma coisa na escola.

Errei de novo. Ela queria continuar nossa discussão sobre a síndrome de Asperger. Fiquei feliz por minha colaboração ter tido tanta influência. Ela sugeriu um jantar. Não era a ocasião ideal para uma discussão produtiva, mas, como em geral eu janto sozinho, seria algo fácil de combinar. Já as pesquisas para a conversa eram outra questão.

— Em que tópicos específicos você está interessada?

— Ah — disse ela —, pensei que a gente pudesse apenas conversar... nos conhecermos melhor.

Isso parecia sem foco.

— Preciso pelo menos de uma indicação geral do campo do assunto. O que eu disse que a interessou particularmente?

— Ah... acho que aquilo sobre os testadores de computadores na Dinamarca.

— Testadores de *aplicativos* para computadores. — Com toda certeza eu precisaria fazer algumas pesquisas. — O que você gostaria de saber?

— Não sei, queria entender como eles foram encontrados. A maioria dos adultos com Asperger não sabe que é portador da síndrome.

Era um bom argumento. Entrevistar candidatos ao acaso seria um modo altamente ineficiente de detectar uma síndrome que tinha prevalência estimada de menos de 0,3 por cento.

Arrisquei uma resposta:

— Acho que eles devem usar um questionário como filtro preliminar. — Eu não havia nem terminado a frase quando uma luz se acendeu na minha cabeça (não de modo literal, é claro).

Um questionário! Uma solução tão óbvia. Um instrumento cientificamente válido, com propósito definido, que incorpora as melhores práticas atuais para filtrar as mulheres que são perda de tempo, as desorganizadas, as que discriminam sabores de sorvete, as que reclamam de abuso sexual visual, as esotéricas, as leitoras de horóscopo, as obcecadas por moda, as fanáticas religiosas, as veganas, as que gostam de assistir esportes, as criacionistas, as fumantes, as cientificamente analfabetas e as homeopatas, deixando, do ponto de vista ideal, apenas a parceira perfeita ou, do ponto de vista realista, uma lista mais administrável de candidatas.

— Don? — Era Julie, ainda na linha. — Quando quer marcar nosso encontro?

As coisas haviam mudado. As prioridades, se alterado.

— Não vai dar — respondi. — Minha agenda está lotada. Eu iria precisar de todo o meu tempo disponível para aquele novo projeto.

O Projeto Esposa.